

## DA ODISSÉIA DE HOMERO À ODISSEIA MODERNA DE NIKOS KAZANTZAKIS: UMA ATUALIZAÇÃO DE ULISSES

Ana Lúcia Silva Resende de Andrade Reis (PUC-Rio)

Izabel Margato (PUC-Rio)

A presente comunicação aborda duas obras: a *Odisseia* de Homero, representativa da Antiguidade Clássica e *A Odisseia moderna* de Nikos Kazantzakis (1958), expoente da Literatura Contemporânea. Na *Odisseia* homérica, a temática da obra gira em torno da volta (*nóstos*); já na *Odisseia* kazantzakiana, fica latente a clara tentativa de superação da meta de retorno à Itaca, o herói é movido pela vontade de continuar a jornada, quer manter-se em marcha. Nas duas histórias, Ulisses não fica imune aos episódios vividos; ao contrário, impregna-se das marcas dos lugares visitados, dos acontecimentos e das pessoas e seres mitológicos encontrados ao longo do caminho. Vale ressaltar que, no texto de Kazantzakis, os deuses não estão presentes, as agruras de Ulisses estão sedimentadas na esfera do humano, e são oriundas, dentre outros fatores, da caotização do cotidiano, a abalar sua noção de pertencimento e origem. A releitura (ou o retorno ao texto canônico) está condicionada a um novo sentido político e ideológico que se quer dar, de forma a atualizar o texto, situando-o na modernidade/contemporaneidade. Dito isto, delineiam-se os objetivos do trabalho - a análise comparatista entre as odisseias de Homero e Kazantzakis, pelo viés do personagem Ulisses, mapeando as três questões supracitadas – e o escopo teórico selecionado para a sua realização – Edith Hall (*The return of Ulisses a cultural history of Homer's odyssey* – 2008); W. B. Stanford (*The Ulysses theme. a study in the adaptability of a traditional hero* - 1954); Piero Boitani (*A sombra de Ulisses* - 2005) e Maria José de Queiroz (*Os males da ausência, ou a literatura do exílio* - 1998) e Jeanne Marie Gagnebin (*Lembrar, escrever, esquecer* – 2009).

Palavras-chave: Odisséia. Ulisses. Retorno. Homero. Kazantzakis.

## DA ODISSÉIA DE HOMERO À ODISSEIA MODERNA DE NIKOS KAZANTZAKIS: UMA ATUALIZAÇÃO DE ULISSES

Ana Lúcia Silva Resende de Andrade Reis (PUC-Rio)

Izabel Margato (PUC-Rio)

A presente comunicação aborda o estudo de duas obras: a *Odisseia* de Homero, representativa da Antiguidade Clássica e *A Odisseia moderna* de Nikos Kazantzakis (1958), expoente da Literatura Contemporânea. O ponto de interseção das duas obras tem início no canto XXII, verso 477, da *Odisseia* de Homero, quando Ulisses acabara de exterminar os pretendentes de Penélope. A continuação dos feitos do herói lendário, entretanto, reorienta o sentido do destino glorioso do herói clássico. Logo em seu primeiro encontro com a esposa, o filho e o pai, longe de sentir-se apaziguado pelo fim das atribulações do trajeto de retorno ao lar, o Ulisses kazantzakiano sente um profundo desencanto, e sua ilha tão desejada torna-se a seus olhos estreita e asfixiante, empreendendo então uma nova jornada. Na *Odisseia* homérica, a temática da obra gira em torno da volta (*nóstos*); já na *Odisseia* kazantzakiana, fica latente a clara tentativa de superação da meta de retorno à Itaca, o herói é movido pela vontade de continuar a jornada, quer manter-se em marcha. Nas duas histórias, Ulisses não fica imune aos episódios vividos; ao contrário, impregna-se das marcas dos lugares visitados, dos acontecimentos e das pessoas e seres mitológicos encontrados ao longo do caminho.

Vale ressaltar que, no texto de Kazantzakis, os deuses não estão presentes, as agruras de Ulisses estão sedimentadas na esfera do humano, e são oriundas, dentre outros fatores, da caotização do cotidiano, a abalar sua noção de pertencimento e origem. Está claro, portanto, uma diferenciação fundamental entre os dois Ulisses: ao moderno não mais se aplica a alcunha de herói. A releitura (ou o retorno ao texto canônico) está condicionada a um novo sentido político e ideológico que se quer dar, de forma a atualizar o texto, situando-o na modernidade/temporaneidade. Na sua errância, o Ulisses moderno personifica a metáfora do caminhante, i.e., sempre em marcha, tendo o horizonte como meta e a memória como alimento, insolitamente, as do Ulisses de Homero, como se estivesse permanentemente à sombra deste. Um dos personagens mais instigantes e complexos da mitologia e da literatura gregas, e também da universal, Ulisses fornece substância para reflexões modernas/temporâneas, tais como a impermanência, o estranhamento e a errância – autoimposta, no caso de

Kazantzakis. Dito isto, delineiam-se os objetivos do trabalho - a análise comparatista entre as odisséias de Homero e Kazantzakis, pelo viés do personagem Ulisses, mapeando as três questões supracitadas – e o escopo teórico selecionado para a sua realização – Edith Hall (*The return of Ulisses a cultural history of Homer's odyssey* – 2008); W. B . Stanford (*The Ulysses theme. a study in the adaptability of a traditional hero* - 1954); Piero Boitani (*A sombra de Ulisses* - 2005) e Maria José de Queiroz (*Os males da ausência, ou a literatura do exílio* - 1998) e Jeanne Marie Gagnebin (*Lembrar, escrever, esquecer* – 2009).

Na lide com visões de mundo tão diferentes e contextos históricos de produção das obras separados por distâncias temporais, ainda assim são muitos os procedimentos e efeitos que podem ser detectados na Odisseia de Homero e na Odisseia de Nikos Kazantzakis. O objetivo do presente trabalho é destacar e avaliar a lírica do exílio nas duas obras escolhidas, apontar as possibilidades de percepção deste sentimento pelo viés destes dois autores e inseri-las em um universo comparativo através de seu personagem principal: Ulisses. Serão consideradas, ao mesmo tempo, as características peculiares e a visão de mundo em que cada obra está inscrita e sua universalidade, capaz de uni-las sem apagar as diferenças

A obra Odisseia de Homero foi escolhida como parâmetro comparativo por ser um referencial clássico e pela presença de seu personagem principal: o mítico Ulisses e que posteriormente é “recriado” na obra homônima de Nikos Kazantzákis. Por que Ulisses? Por este personagem ser considerado um arquétipo capaz de perpassar toda a história e a literatura como uma constante que nunca cessa de ser citada e retomada, mostrando uma capacidade de adaptação e de poder sempre ser atualizado. Aqui a Odisseia de Homero vai ser um elemento para se pensar a questão do exílio e do retorno do personagem a Itaca e a obra de Kazantzákis vai mostrar a incapacidade deste de se acomodar e sua insatisfação com a volta ao lar, partindo novamente em mais uma viagem sem rumo determinado.

Com um tom épico e majestosa imaginação Kazantzákis tentou completar a odisséia de Homero. O Ulisses de Kazantzákis é demasiado complexo mentalmente, nele se agitam todos os problemas do homem diante da verdade.

Muitas especulações acerca do destino de Ulisses já começam a ser delineadas na própria Odisseia homérica através da previsão do adivinho Tirésias, quando o herói faz sua descensão ao Hades, no canto XI. Característica maior de previsões de adivinhos e oráculos, a ambiguidade é a responsável por prolongar ao longo dos tempos a força da

mensagem de Tirésias. O autor Piero Boitani (2005), em sua obra *A Sombra de Ulisses*, analisa os desdobramentos que a profecia suscitou na tradição literária, afirmando que a permanência do tema de Ulisses na literatura e na cultura ocidental já estava delineada nesta abertura deixada na fala de Tirésias. *Thanatos ex halos* expressão grega que pode significar que Ulisses teria uma morte “vinda do mar” ou “distante do mar”.

Ainda de acordo com o adivinho, após seu retorno ao lar Ulisses ainda teria “uma enorme prova, longa e difícil” embarcando para uma última viagem. Nas palavras de Jeanne Marie Gagnebin:

Todas as pesquisas recentes sobre a *Odisseia* concordam em não ver mais na errância de Ulisses a descrição de um itinerário geográfico preciso, como ainda o faziam os intérpretes do início do século XX quando saíam à procura das paisagens, dos bosques, dos rios, das oliveiras e dos rochedos evocados pela *Odisseia* nas ilhas do Mediterrâneo. Hoje, intérpretes tão diferentes como Adorno e Horkheimer ou Pierre Vidal-Naquet e François Hartog leem essa viagem muito mais como uma trajetória alegórica entre a perda inicial de rumo, a desorientação funesta sobre “o mar sem caminhos”, como diz Homero, a volta a Itaca, à Pátria, à ordem familiar e política. Adorno e Horkheimer<sup>2</sup> encontraram na *Odisseia* a descrição da construção exemplar do sujeito racional que, para se construir a si mesmo como “eu” soberano, deve escapar das tentações e das seduções do mito, assegurando seu domínio sobre a natureza externa e, também, sobre a natureza interna, sobre si mesmo (GAGNEBIN, 2006).

Quando a obra se inicia Ulisses já é um exilado, aprisionado por Calipso durante sete anos na ilha de Ogia, onde era considerado o senhor. É alguém que não tem identificação com os lugares onde está. Ele é testado a cada Canto por desafios no plano humano e divino e precisa buscar forças na sua origem e na motivação que o imprime: à volta ao lar, a recuperação de sua família. Mas Ulisses é um tipo de herói muito claro, ele é o homem do caminhar, na sua eterna busca quanto mais ele caminha mais se distancia de sua origem<sup>1</sup>.

O tema do retorno é fundamental. O retorno mais célebre da cultura ocidental é o de Ulisses. Como se o tempo pudesse ser suspenso e as relações mantidas. Ao analisar a

---

<sup>1</sup> T. W. Adorno e M. Horkheimer, **Dialética do Esclarecimento**, tradução de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

obra de Kazantzákis e a proposta/destino que ele supõe para Ulisses após sua volta ao lar e a reinterpretação que o autor dá ao herói à luz da história do século XX, podemos confirmar a diferença das questões a que os distintos Ulisses estão expostos.

O tradutor da obra de Kazantzákis para o espanhol, Miguel Castillo Didier levanta a hipótese de que a base para a problemática da Odisseia Moderna se encontra na própria A Divina Comédia de Dante Alighieri (Canto XXVI do Inferno), onde Ulisses relata a Dante e Virgílio sua última viagem. W. B. Stanford (1954) endossa esta suposição, lembrando que o autor grego foi leitor e tradutor de Dante.

Na primeira Odisseia, vale lembrar que a temática da obra gira em torno da volta (*nóstos*), na Odisseia kazantzakiana o que fica latente é a clara tentativa de superação da meta de retorno à Itaca, o herói mantém a vontade de continuar a viagem e não se contenta com o apaziguamento da chegada, quer manter-se em marcha. E o que devemos registrar também são as transformações que nosso herói sofre durante a sua jornada. Ele não fica imune aos episódios que viveu, fica impregnado com as marcas dos lugares que visitou, com a caotização do cotidiano, tem sua noção de pertencimento e origem abaladas. Desta forma, ele já não é o mesmo homem que partiu, toda a experiência vivida nestes entrelugares o modificaram e o tornaram um novo ser humano.

Para ilustrar as marcas deixadas pela jornada em Ulisses e o quanto o assustava saber que em breve estaria de volta ao lar e despido das vicissitudes da viagem, que ora o encantavam e ora o apavoravam Bernardes (2012), que assim descreve:

De tudo que encontrei sou uma parte.  
Toda a experiência é um arco, e através dele  
Um mundo ignoto brilha e as margens fluem  
Quando me movo, sempre, para sempre.  
Quão tedioso é parar, dar um final (Tennyson, Ulysses)  
(BERNARDES, 2012).

A partir da percepção de nosso herói já podemos perceber o indício de que sua jornada não estava se aproximando do fim e que a profecia do adivinho poderia se confirmar. Esse herói, na sua errância, que é um errar singrando os mares, ele é a metáfora do caminhante que tem o horizonte como meta. No tempo ele tem a memória, no horizonte o caminho. Ulisses é o personagem mais interessante e completo da mitologia e da literatura gregas e talvez da universal.

Dos heróis homéricos e de fato de todos os heróis da mitologia grega e romana, Ulisses foi de longe o mais completo, tanto pelo caráter quanto pelas façanhas. Seu caráter era mais variado e mais ambíguo que o caráter de qualquer figura da história grega ou da história literária universal. Nenhum personagem mitológico compara-se com a riqueza de matizes de Ulisses, o que é uma mostra de sua universalidade.

Todos esses “personagens”, todos esses Ulisses tão diversos têm convivido através dos séculos nos versos de Homero, pois o próprio autor parece duvidar ou não conhecer todo o verdadeiro caráter de seu herói. Caráter este formado por suas contradições entre seu lado bom e mau, por sua astúcia e habilidade.

É extremamente válido ressaltar que a Odisseia de Kazantzákis faz parte do amplo e atual discurso da viagem e do herói que teve sua origem em Homero. Portanto, a epopeia moderna não deve apenas ser considerada como uma simples herdeira da tradição homérica, com pontos de contato entre as obras, mas, principalmente um fruto do diálogo permanente com a temática da viagem e do herói, dois conceitos sedimentados como arquétipos temáticos e simbólicos da literatura.

Assim uma obra pode estabelecer ou não relações mais ou menos explícitas com uma determinada fonte. A abertura e o impacto causados pela semiótica de Kristeva (1978) evidenciam uma consciência do texto como absorção de textos anteriores, denunciando e rejeitando a crítica de caráter imanentista que por muitos anos renegou a questão das “influências” e das “fontes” no fazer literário.

O que é inevitável, no entanto é o fato de que a releitura ou o retorno ao texto canônico estejam condicionados a um novo sentido político e ideológico que se quer dar, de forma a atualizar o texto. O que se conhece como adaptação refere-se ao fenômeno geral da transposição de textos, embora possa ser também um procedimento amplificador de adição, expansão, acréscimo e interpolação.

Quer seja apropriação, quer seja adaptação, o que fica nítido é a intenção de se fazer uma “recriação” de outra obra inscrita em uma época, provavelmente bastante anterior, onde poderemos observar na filiada traços da matriz. A influência de Homero na cultura e na arte ocidentais pode ser facilmente verificada na produção literária dos povos do Ocidente desde os tempos remotos, onde podemos constatar a força das recriações e “pensá-las como uma forma de colaboração através do tempo, e às vezes através da cultura e da língua” (SANDERS, 2006).

O retorno de um mesmo tema à baila através da escrita de autores diversos é uma possibilidade que sempre vai existir, demonstrando que uma obra clássica pode ser

revisitada infinitas vezes sem se esgotar. Pensamento este presente em um depoimento do autor argentino Jorge Luis Borges que disse uma vez que se sentia afortunado graças a seu “oportuno desconhecimento do grego”<sup>2</sup>, pois assim podia “reler” a *Odisseia* de Homero várias vezes nas diversas traduções para as muitas outras línguas que ele conhecia – o que nos traz à mente uma afirmação de Derrida: “ Talvez o desejo de escrever seja o desejo de lançar coisas que voltem a nós tanto quanto possível, de tantas maneiras quantas forem possíveis”<sup>3</sup>.

A título de constatação, a cada vez que se revisita o tema de Ulisses, tendências e conceitos da época da respectiva criação são assimilados e acrescidos nesta figura literária de influência incessante através dos tempos.

Julie Sanders ratifica e acrescenta que as recriações, adaptações e apropriações “são uma maneira interminável e maravilhosa de ver as coisas voltando para nós tanto quanto possível” (SANDERS, 2006, p. 160).

Podemos conceber Ulisses como um herói antigo e moderno ao mesmo tempo, também herói da continuidade e da metamorfose, capaz de atravessar épocas, pois desde o início mostra-se aberto ao futuro: aos disfarces de que é mestre em Homero e às transformações poéticas que seu mito e seu primeiro texto literário estimulam, com seus excessos e seus vazios evocativos.

Ele constitui, desde o início de sua existência literária, uma espécie de modelo, uma “forma” multiforme (*polytropos*) de vida humana repleta de possibilidades.

Do mito de Ulisses surge silenciosamente uma sombra que vem através dos tempos permeando nossa cultura e nos apresentando a um Ulisses que reencarna, com valências diferentes, quer seja na poesia ou na história através dos séculos, desde Homero até nossos dias. A presença constante desta figura, demonstra o fascínio que nunca deixou de exercer sobre a imaginação, são sinais de que ela traz em si o nosso destino de homens.

Para finalizar, registro uma poesia de Octávio Mora, poeta nascido na Argentina e radicado no Brasil, que ilustrou nosso herói de forma brilhante e que está em consonância com o que foi aqui escrito, ou seja, o autor nos relata uma volta sem regresso e demonstra a mudança que se operou no herói em todo o seu percurso.

---

<sup>2</sup> BORGES. As versões homéricas, p. 256.

<sup>3</sup> Derrida citado por Sanders na obra “Adaptation and Appropriation”, p.160.

Porque volvió sin regresar Ulisses  
Ulisses em Itaca, vivo ausente.  
Talvez seja resíduo da viagem,  
Mas é tão pouco minha esta paisagem.  
Que só posso estar longe desta gente:  
Se foi minha, cortaram-na tão rente  
Que a memória mudou toda a folhagem -  
Falávamos idêntica linguagem –  
Falo agora, linguagem diferente:  
Vivo em Itaca ausente: minha fronte  
Alargou-se, meus olhos são maiores,  
E na memória trago outros países:  
Contudo, já foi este meu horizonte,  
Já fui jovem aqui: olho arredores,  
E vejo Itaca ao longe, sem raízes (MORA, 1998).



## Referências

AUERBACH, Erich. **Figura**. São Paulo: Ática, 1997.

\_\_\_\_\_. A cicatriz de Ulisses. In: **Mímesis**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BERNARDES, Carolina Dônega. **A Odisseia de Nikos Kazantzákis: Epopéia Moderna do Heroísmo Trágico**. Rio de Janeiro: Cassará Editora, 2012.

BOITANI, Piero. A Sombra de Ulisses. Trad. Sara Margelli. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BORGES, Jorge Luis. **As versões homéricas**. In: Obras Completas. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Globo, 1998. V.1.

CALVINO, I. As odisseias na Odisseia. In: **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.

CITATI, P. **Ulisses e a Odisseia**. Lisboa, Edições Cotovia, 2005.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, Escrever, Esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2ª Ed. 2009.

HALL, Edith. **The Return of Ulisses A Cultural History of Homer's Odyssey**. Baltimore: Johns Hopkins, 2008.

HOMERO. **Odisseia**; trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

SANDERS, Julie. **Adaptation and appropriation**. New York/London: Routledge, 2006.

STANFORD, W. B. **The Ulysses Theme. A Study in the Adaptability of a Traditional Hero**: Basil Blackwell Oxford, 1954.